

ORREPUBLICANO

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tipografia Pires

PROPRIEDADE

REDACÇÃO PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Centro Democrático Vimaranesense

EM FÉRIAS

Da PENHA.

E' pena que esta Penha formosa entre as formosas penhas esteja ainda assim descurada, não diremos ao abandono mas, o que é terrivelmente peor, ao acaso dos caprichos, sem um plano accerto como artístico e apropriado, como a sua jardinagem se confiou ao velho Joaquim, que nós conhecemos palmatoado servo do Colégio de S. Damasco e ainda agora menos é certo dos seus intrometimentos com os moços, sobretudo lhe agradando colher a gorjeta dos visitantes... E' pena. Não vamos dizer em feio desmando negativista que se não tenha feito caso disto, se bem que, em muitos pontos, merecido seria notar preferível não se ter feito nada. Antes queremos louvar o desinteressado amor de muitos filhos de Guimarães que tanto teem pugnado e dispendido, das comissões, encarregadas pelo seu próprio patriotismo, de melhoramentos que conseguem levar a cabo, e de certas gerencias da irmandade, ás quais inquestionavelmente muito se deve em probidade de contas e acção energeticamente eficaz. E tanto esse designio nos bate no coração que, violentando a natural revolta dos nossos sentimentos esteticos calamos justificados reparos a notorios atentados contra o bom gosto por aqui livremente cometidos, mesmo talvez por imperfeita compreensão das ordens dadas para executar e traidas de facto.

Quer-nos parecer que é tão bela e pinturesca e encantadora esta serra que seria digna de que imediatamente a defendessem, como arborisando-a suficientemente desde a encosta para evitar o lento mas fatal, e já evidente em certos sitios, esboramento da terra, impelida nos caudais da chuva, e a aluidassem depois, não desfigurando com irritantes *avenidas e ruas direitas* de cidadezinha provinciana a sinuosidade e os contornos, incidentes característicos, nem cometendo o crime, que o é verdadeiramente, de partir inutilmente mais penedos, mas segundo o único critério de aproveitar o seu natural agra-

te e rude. Se quizerem fazer da Penha um Bom Jesus com os seus judeus, os seus lagos, as suas grutas de cortiça e cimento, assim como um terraço de hotel com diversões para hospedes, cantinhos para beijocas lambidas de noivos, e artificiais cortinados ás furias dos amantes, estragam-na, e do que é e do que foi ela não ficará senão, em saudosa e remordente memória, com o nome.

Não me dou por competente para lhe tracejar um plano assim na fugidia correnteza destas linhas, nem quero que o amigo José Pina e o hoje venerando Abel Cardoso, que aqui deixaram fortemente marcadas suas individualidades artisticas, se riam á minha custa. Mas o que os meus olhos quieram vêr daqui, escarrapachado com toda a minha artritica gordura neste penedo, é afinal muito simples, como simples a concepção de gosto pairando no ambiente.

Ali andam, para qué santo Deus!, a queimar umas silvas, ferteis em pequeninos e engraçados cachos de amoras; certos penedos lembram-me lavradores em romaria, tão tosquidos de barba e lavados se apresentam! não se ouve aqui um murmurio de agua que viesse como naturalmente gotejando dentre a rocha quando, com um bocadinho de paciencia e dinheiro, a puderíamos têr famosa e abundante; não vejo crescer em moitas cerradas as flores campestres, nem a madressilva seductora, nem a alfadega deliciosa, nem o cravo estoirado, o rosmannho dos noivos, o travesso manganericão. Porque se não formam grutas de arvoredos, sustentadas por latas de pedra tosca, nos varios pontos onde a paisagem muda, nem ainda se levantou uma fonte como as da aldeia, com bancadas de pedra á maneira fradesca, o nicho de S. João e golfinhos jorrando agua, a que se iria por atalho com um velho cruzeiro derruido e umas alminhas no purgatório? E depois não ficaria bem, ali no Largo do Capelão, se este é o seu nome, como á entrada, um arco entre

o gotico e o romano com um grosso lampião de ferro gemendo nas noites de inverno... E então um moinho, num cêrro dos mais salientes, sim um velho moinho de vento de grandes asas brancas, que se visse de longe, a girar no espaço, a convidar as almas a subir como no alheamento dos enganados para o céu azul que tem, em cada estrela, o espirito gentil duma noiva penando...

Breve a Penha vai sér iluminada a luz electrica. Que fantasiosos quadros, e com pouco dispendio, se não pudiam conseguir. Bem ouço o conselho de Iago—mete dinheiro á bolsa. Sim, sempre o dinheiro... Mas os senhores só pedem para a caixa de esmolas dum magestoso templo (não bastaria o de S. Torcato que tão bem se destaca, alem, de pedra branca e polida num fundo verde escuro de arvoredos?) talvez para fazer engulhos ao Sameiro. A Câmara podia bem expropriar estes terrenos, o que, julgo, se tornou já indispensavelmente evidente, lançar uma pequena sobretaxa voluntária e proporcional de um a quatro centavos nas suas contribuições, municipalizar a direcção dos serviços que, note-se, ficariam todavia sob a directa ingerencia e immediata fiscalisação da irmandade, senhora aliás de todos os seus mais direitos e prerogativas. Mas por esta ou por outra qualquer forma impôsi-se que ainda mais afincadamente do que se tem feito se trabalhe pela Penha.



Soneto

Ai mãos o escopro, olhando o marmor:—Quero (O estatuário disse) uma por uma As perfeições que teem as formas de Hero Talhar em pedra que o Ideal resume!

E rasga o Paros. Tô-la graça e esmero, Eis se arredonja a fronte em nivea espuma; Eis resalta o nariz de um talho austero; Alça-se e colô, o soio se avoluma...

Alargam-se as espaldas; voia a veia, Mostram-se os braços; cede a pedra ainda A um golpe,— e o ventre nitido se arqueia;

A curva enfim das pernas se aceneta; E eis a acabada a estatu, herosa e linda, Copia divina da beleza nua!

Alberto d'Oliveira



Dizem os jornais que o sr. Antonio de Carvalho Cyrne deixou, arrelado e desgostoso, a direcção dos *Ecos de Guimarães*, semanário monárquico, que nesta cidade se vinha publicando aos domingos. Esta solução só agora chegou ao nosso conhecimento e por isso só hoje também podemos lamentar que a houvesse tomado aquele considerado jornalista, pois que jornalista efectivamente se demonstrou no campo em que denodadamente combatia. E sinceramente o fazemos porque—o que rarissimo acontece e ainda se não tinha visto na imprensa monárquica de Guimarães—o sr. Antonio de Carvalho, sendo mais enérgico que os outros, conservava sempre aquella aprumada correcção sem a qual as pugnas da imprensa logo descambam em sujas contendas que a todos irritam e incomodam.

O *Republicano* não pôde sair a semana passada por motivos que seria desnecessário explicar, mas que aos nossos habituais leitores devemos dizer prenderam-se com repentinos e forçados trabalhos que tivemos e não nos deixaram nem tempo nem ensejo para este cavaco singelo e amigo. Que nos perdoem. Em compensação o número de hoje sai com oito páginas, simples questão material, mas illustrado com vária e apreciavel collaboração. Porque, emfim, já estamos vendo que nem todos podem gosar tranquillamente as férias...

Em duas palavras. Anda por aí no ar a questão da Misericórdia, que tem provocado escandalo, não objecto das apaixonadas discussões dos politicos mas de indignadas censuras da pobreza. Nem sempre a manha é intelligente, e os matrelros que andam a invocar certa lei como cobrindo-os de impunidade redondamente se enganam, porque nem essa lei desculpa as transgressões a outras e a violação dos regulamentos, nem isenta os delictos de desobediência. A tempo o lembramos, certos de que o mal se ha de remediar caseiramente. Somos por principio e de facto favoráveis ao aumento de ordenados e gratificações e achamos justo que se recompensem melhor os clinicos do hospital, alguns dos quais o teem singularmente honrado com valiosos serviços. Em toda a parte e com orgulho temos dito que a Misericórdia de Guimarães é uma das melhores da provincia pela intelligencia e competência do seu corpo médico e clinico.

Mas procedentes razões aconselharam sem dúvida que para essa medida se aguardasse melhor oportu-

nidade e que ela se não fizesse, como se fez, incompleta e imparcial, não distribuindo pelos empregados com equidade, antes favorecendo uns com manifesta inconsideração pelos outros, e esquecendo os mais pobres e necessitados, os servos e as criadas, o que chega a ser revoltantemente injusto. Depois, e o que é peor, violou-se manifestamente a lei. E' illegal a ordem dada a um empregado para trabalhar na secretaria, quando o seu lugar é no banco do hospital. Semelhante arbitrio é contrário ás leis gerais do país e aos diplomas legais e insofismaveis que criara aquele novo lugar para um leigo e não para uma irmã da caridade. E' illegal, absurda, revoltante esta sornice reles:

Foi resolvido, salvo as disposições especiais e expressas no compromisso, que os irmãos, de futuro admitidos gosarão das regalias e garantias dos actuals irmãos da Misericórdia, designadamente das consignadas nas disposições regulamentares de 25 de fevereiro de 1904, superiormente aprovadas em 14 de Novembro do mesmo ano, sómente depois de passados seis mezes precisos da data da admissão.

Tambem foi resolvido que sem previa consulta do definitório sobre o objecto referido, se não tome conhecimento de propostas para a entrada de irmãos.

Isto é simplesmente, por uma questão eleitoral, rasgar o compromisso da Misericórdia, o que os donos, por mais teimosos, não podem fazer e não farão.

O § 1.º do art. 10 diz:—«o exercicio do direito de votar não começará a realisar-se senão passados três meses da sua admissão.»

Mas... paremos, seriam duros os comentarios a fazer, e, repetimos, estamos na certeza de que estas illegalidades se não levarão a cabo.

Livro de Saudades

Será, no próximo mês de outubro, pôsto á venda um novo livro do nosso distinto conterrâneo e illustre escritor Alfredo Guimarães, autor dos—*Palavras* (1908),—*A Ilusão* (1910)—,—*A borda d'agua* (1912)—, e—*Pascoa florida* (1915)—, e cujas qualidades de trabalho, intelligencia e admiravel intuição artistica teem espalhados bons artigos, excelentes monografias e pitorescos quadros por muitos jornais e revistas de Lisboa, Porto e Guimarães. Da geração vimaranense a que pertence, e que tem rapazes de verdadeiro valor, Alfredo Guimarães, alheio á critica soalmente dos botequins e felizmente colocado longe desta nossa atmosfera artificial, tão recatada como devassa, destaca-se como uma forte individualidade ao mesmo tempo sentimental e realista, com um são e profundo amor ao seu Minho, que ele adora misticamente, conhecendo-lhe os segredos e sentindo-lhe as paixões.

ESCRITORES
GUIMARANENSES

AMULÊTOS

Em novas, com as cinquenta pregas da saia de baeta azul espanejando ao redôr, e a maravilha dos seus dentes fortes e brancos cerrando-se de energia, para deirontar o caminho sôb o vento ou o sol, estas velhinhas de hoje compravam e conservavam de então. Povoa dentro e em redondeza, os seus amulêtos queridos, que o *farrô* da camisa fechava no peito como portas de santuario a sacramentos venerandos.

Era êsse tempo o de alegre vida tradicional. Para algumas ainda se contou, então, defeso, o têr namoro na terra, fóra da ilha ou, a melhor dizer, fóra do seio da sua grei. Pelo inverno, matina-se, feliz, para as novênas do São Braz, com lampião fusco de quatro vidros, aréias fóra da angra, que ululava raiosa e sombriamente; e aos caseiros serões dêsse tempo, afadigados no fiado do *ticum*, para as rêdes, iam os namorados, de *catalão* escarlata, fechadas *vargas* azuis num terno quente e acertuado, e a *pressinta* negra caída do ventre, cantar á viola ou ao harmonium as desenvoltas quadras do derriço, aqui e além picadas de um poucoxinho de febre e malícia.

Erguia-se, porem, o sol, em março. Oh, o inexperado, o sempre inexperado teatro da natureza, com suas mutações curiosas, sempre iguais e sempre felizes, tantas vezes repetidas e outras tantas originais! Misteriosamente e sorridentemente. Aphrodite transparecia o espírito fecundo da sua primavera eterna nas espumas abraçadas e beijadas do sol, que vinham, em gloria, da barra ansiosa ao desperdício da praia, a morrer. Iam-se então acima os concêrtos corajosos: uns, das velas das lanchas, que o inverno ido arruinara; outros dos *padre-nossos* de côres, mais «algariados» por mais novos, no riscado do coberto típico das barracas. Todo o estio era, depois, simultaneamente uma fadiga e uma festa, porque representava para as do mar uma alta soma de trabalho enervado e um lento mas seguro arrebanho no mialheiro dos casais. Partiam lanchas alegre tôdos os dias, e tôdos os dias voltavam pesados de pescado. De tempos a tempos, também, lá aparecia, pelo arribar matinal, um ou outro lenço encarnado ao alto da lança orgulhosa de algum mastro de lancha, onde o noivo emparreirado na campanha o arroxava, em aviso á noiva distante dos seus braços, na praia. Tôdos assim foram. Depois casaram. A vida poz-se a braços com eles, anos fora, ora vencendo-os ora erguendo-os. A alguns nasceram, cresceram e desapareceram os filhos. A odyssea é eterna. Chegou por fim o crepusculo das vidas, e os amulêtos, que dantes foram brinco e benção, pelo tempo além misteriosamente se vieram transformando e humanizando: hoje, são elas próprias!...

—Pelo divino amor de Deus. Uma esmolinha. São José bendito I...

Alfredo Guimarães.

E' de formosas quadras, todas de pura toadilha popular, um cantic doloroso, irônico, vivo e por vezes dum picante sabor o seu *Livro das Saudades*. Houve quem transformasse em escola o saudorismo como representando a alma portuguesa na sua essencia. Come em quasi tôdos os movimentos artísticos, gerados no condicionalismo social, esse tem um fundo de amarga saudade e um quê de alquebrado sonho e palpitantes esperanças. Logo, porém, o vimo de turpado em geitôs plegas, com muitos francesismos, bolas ôcas de espuma de sabão.

Alfredo Guimarães, conseguiu fazer um livro comovido mas saudavel, bem minhoto, bem nosso. E depois a edição é primorosa, gulada pela mão habil de Alberto

de Souza que o—graciosamente illustrou—. Encadernado em chita portuguesa, um cordel de fio de norte com seu nó na ponta, duas vinhetas de motivos populares, traz na capa, pendendo como um rosário de orações, um cordão de oiro com o coração, a estrela e o medalhão.

Que êle nos perdoe a indiscrição da oferta dalgumas quadras tiradas ao acaso:

Ponho-me a ouvir uma fonte e a perguntar-lhe o que tem...
—Sou filha da Serra, e tenho saudades de minha mãe!...

Quem tem saudades não traz o coração no lugar.
Deixou-o lá onde!... E sente vontades de o ir buscar!...

TIPOS DA SOCIEDADE

O LISONJEADOR

I

Um dia Belzebut achando que a sua realza ainda não tinha representação bastante neste mundo de Cristo, reuniu os mais ladinos sábios da sua côrte e disse-lhes:—Qual de vós será capaz de me dar uma idea com que eu ensoberbeça o amor próprio dos mortais?

E os ladinos sábios da sua côrte reclinando gravemente as cabeças sobre os punhos e folheando circunspectamente infólios e calhamagos, responderam-lhe:—Só Protheu que se transforma e Jano que tem duas caras possuem o segredo que buscais!

Belzebut, porém, não querendo abdicar destes deuses do Olimpo a sua soberania, despediu com um pontapé os sábios da sua côrte e, enquanto o dito esfrega um olho, apanha pelas sotainas um jesuita dos mais viscosos e um frade dos mais tanços gritando jubiloso o brado de Archimedes:

—Eureka!... Achei!...

Depois voltando-se para os corridos sábios, ordenou-lhes—que fossem caçar moscas e lhas trouxessem em quantidade. Isto feito e pôsto tudo em caldeirada, foi pela acção dos filtros e das retortas produzido o Lisonjeador—o mais forte ácido corrosivo que a alquimia do inferno té hoje inventou.

Lançada esta boa peça á circulação, vejamos como agora dela se occupa a história: Ulisses guerreiro, usava tapar os ouvidos aos encantos desta sereia; Tibério imperador não consentia que as festas de tal lingua lhe ajuassem as sandálias; Frederico duque d'Austria, disfarçava-se para o melhor desmascarar; Afonso X de Espanha, decretou que não fosse tomado ao seu serviço; e, para que nenhuma honraria lhe faltasse, a própria igreja católica pelo voto do seu 4.º concilio Cartaginense, ordenou que o clérigo lisonjeiro soffresse pena de degredo.

Tudo porém inútil. O Lisonjeador agrada quasi sempre: tanto basta, para que agrade, que não deixe de passar á nossa porta levando a mão ao seu chapéu. Esta fragilidade das creaturas terrenas é o forte do Lisonjeador. Ele o sabe e, por que o sabe, tripudia.

Há espiritos superiores, é certo, que são invulneraveis aos seus discursos. Bem poucos são, todavia. O grosso da turba humana embebedase com a mixórdia que o Lisonjeador lhe põe aos lábios. Certo que a vaidade é incomensuravel e flutua á superficie do globo; certo que o vã orgulho é ilimitado e vascolega em todos os âmbitos deste orbe. Que o digam os próprios stoicos que, por vaidade, se persuadem desprezar uma e outra coisa...

Luiza lava no tanque.
Rosa ceifa o trigo a eito.
Maria traz o Senhor
fechado dentro do peito.

Olha aquele par de noivos
como val tão satisfeito!
O' pombas, cobri-lhe a casa!
O' rosas, fazei-lhe o leito!

Nossa Senhora da Penha
tem uns brincoes de giesta,
que lhe deram os pastores
no dia da sua festa.

Chamam creança do peito
a um pequenino que eu vi.
Do peito, porque lhe querem
como eu te quero a ti.

Tanto é por que digo: que a obra do Lisonjeador é dominante e dissolvente. Com um estilo entumecido de nideamentos e frases asucaradas, com ele prepara o isco mais conveniente ás suas incubadas conveniências. Ou não fosse a sua arte de pescador emérito, o pescar em todos as águas e em todas as marés... se lhe não fazem no anzol,

Pássaro bisnau, o Lisonjeador, nutre-se do sangue de quem adula, envenenando-lhe os poucos glóbulos que lhe deixa.

Tinha de ser: Do frade herdou a lábia, do jesuita copiou o ardil, da mosca apreendeu a ferroada. Ora, de tal germen tal fruto. Tinha de ser.

E caso é que engorda. Servil por condição, o Lisonjeador tem o ar dum creado de meza espreitando a gorgeta. E' pulhostre, em suma. Da-se contudo uns fumos á hora de tocar o rabecão louvaminheiro. Com esses fumos embacia os olhos de quem incença—pois quantas mais cataratas provoca, mais probabilidades de jorna atinge.

O insigne Vieira, mandava a propósito, acautelar os principes e os reis deste turbulador môr. Bem sabia o notavel psicólogo que com as suas adulações a melhor república se afundava. Assim é O Lisonjeador serve a seu modo, para bem servir-se a seu geito. Com o pulso livre, vai longe—em desbaratos e em fortuna.

¿Quem o estorva descobrindo-lhe, acaso, o baixo jogo? ¿Quem se arrisca a tal?

Lembre-mos de Nero, cantando á turba, condenava á força quem não o aplaudisse. Examinemos pois a truetaria do Lisonjeador e confessemos que ele é, pelo menos,—um original tipo de ferro velho nesta grande feira da ladra que é a vida.

Pois quê! ¿Não é este engraxador môr quem fornece da sua botica, onde há de tudo, a charopada rubra das claque e os unguentos encomiásticos dos *carnets*? ¿Não é ele quem canta triunfos de carreira a advogados coxos de intelligencia e dá verbo inflamado a tribunos de via reduzida? ¿Não é ele quem alimenta ao biberão a crapula dos honrados e talha biografias para mortos desconhecidos? ¿Não é ele quem cirze retalhos de adjectivos para beneméritos pandilhas e enfeita noivas em *bom use* com flores de laranjeira? ¿Não é ele quem arma com espadas de Marte genuinos poltrões de farda e põe clavas de Hércules em neófito de mama? ¿Não é ele, o Lisonjeador, quem diferentemente do «talha carapuças» ou «corta casacas» dá bôdos de elogios e faz lausperenes de louvores áqueles e áqueles que andam pela rua da amargura em méritos e virtudes? Sem dúvida.

Eis porque em vez de lhe aticarmos o rapazio para que lhe rasguem o balandrau com que pontifica ou o pierrot da farça com que nos suborna; eis porque em vez de propormos aqui um arresto á tralha bajulatória da sua mercancia ignóbil e de pedir seguidamente ao céu um... raio que o parta, em vez disto preferimos—ora vejam esta candura!—que o pródigo Lisonjeador seja pôsto em hasta pública conjuntamente com a sua pomada de dar lustro, sabonetes de tirar nódoas e toda a graxa disponivel nos seus depósitos, pois seguro estamos que, só assim, encontraria dono este bom traste e o seu comprador teria o prazer bem exquisito... de sabor a prenda que levava.

Ora pois, está aberta a praça:

—Quem dá mais?...

A. L. DE CARVALHO

NOTAS E IMPRESSÕES

Ante vós, ermidinhas brancas como pombas, que repouzaes nas êrmas cumiadas dos montes, que aspirais o odôr fragante da natureza em flôr, que ouvis as preces puras dos rudes e humildes mas honrados lavradores, minh'alma ajoelhada implora, por entre hinos de amor e de bonança, o sentimento delicado que faz exprimir com palavras não tocadas do mais leve interesse, a belêss, a doçura encantadora dos prados em flôr, o sentimentalismo elegiaco, a inspiração!

Na virginal purêza dos campos verdes e doirados, onde os idilios se succedem e desabrocha a poesia, ha a doçura encantadora da vida que se aspira com gôso, com volúpia, sôfregamente, e que faz florescer, reviver as almas entorpecidas pelos sentimentos baixos.

Ha murmúrios de amor, o chilliar terno dos beijos trocados ao sol pôr, por entre frondosas ramarias e que as tintas desmaiadas, côr de sangue, penetrando a custo nas copadas montanhas e projectando nos macios tapêtes de verdura capichosos desenhos, vem completar o scenário téerico da natureza que as nossas almas contemplam de joelhos e em extasi...

E' o sentimento puro do amor que nasce!...

Uma nevoa azulada, dum azul enigmático, transparente, leve como um suspiro, volátil como uma nuvem, descia serena como uma aguia que paira na atmosfera, indecisa e absorta na amplidão da abobada imensa. No campanário do velho mosteiro, que conserva ainda vestígios de sumptuosidade e que a malvez humana destroi com irresistivel prazer, batiam badaladas sonoras que despertavam as corujas e o tétrico uivar espalhava, por momentos, o receio das trevas.

Ia-se iluminando o céu, cravejado de pontas luminosas, que me extasiava.

E, como querendo penetrar no misterioso Alem, Clotilde, trémula, agarrada com força ao meu braço e transida de susto, perguntou-me, balbuciando timidas palavras, qual a origem, qual a materia dêsses astros que embrulhavam a sua alma e a faziam pensar...

—São as lágrimas dos amantes, tonfínha, respondi sorrindo.

Calou-se.

Momentos depois, escondendo o rosto, tornou-me a perguntar, trémula mas esperançada, e quasi convencida, alma linda e inocente, se eu tinha visto brilhar naquêle instante mais alguma estrela. Enxugara duas lágrimas limpidas de dôr olhando céu estrelado, puras como o seu sentimento e um longo beijo, mudo porque os calava a comoção, tinha terminado êste idílio simples mas tocante, que uma mácieira carregadinha de fructos observara.

Sussurrava alegremente um riacho tímido que ia banhar com as suas abençoadas águas os campos sêcos, poerentos, onde verdejava o milho sôb faiscentes raios do sol nas tardes quentes do alegre Agosto.

Cantando ao desafio para que o trabalho passasse sem grande fadiga, duas raparigas de grandes e hirtos peitos, apertados nos garridos coletes adebroados a fita

escariote, abriam correiros por onde passariam, cantando as melodias divinas da bondade, as aguas limpidas que uma p \hat{c} ca, coberta de agri \tilde{c} es, alimentava com carinho.

De peito ao leu e arrega \tilde{c} adas as mangas de linho da camisa, que deixava v \hat{e} r os musculosos bra \tilde{c} os, de largo chap \hat{e} u de palha que n \hat{a} o obstava a que a sua pele tomasse o duro aspecto de arabes queimados pelo sol nos desertos imensos, os lavradores rindo bonacheiramente com a alegria franca das almas puras, que s \hat{o} conhecem a genealogia dos campos verdes e dos loiros e n \acute{e} dios animais, arrancavam os \acute{u} ltimos feij \tilde{o} es que os rapazes iam, assobiando a caninha verde, dep \acute{o} r cuidadosamente nas lageas da grande eira, onde mais tarde, cantando e rindo sempre, se haveriam de malhar.

No interi \acute{o} r dum casebre humilde, n \acute{e} gro de fumo e com um cheiro pronunciado a p \hat{a} o fr \acute{e} sco, uma velhinha de faces carcomidas pelo sofrimento, sentada num escabelo, remexia o caldo verde, a lauta ceia, silenciosamente, com os olhos fixos numa trave, recordando talvez os felizes tempos da mocidade, quando tambem ria e folgava, sem outra preocupac \tilde{a} o que n \hat{a} o f \acute{o} sse o trabalho de cada dia e o apresentar-se com o luxo do seu oi \acute{o} r ante os olhares cubichosos dos rapazes que a disputavam a cac \acute{e} ta nas romarias...

Regressava t \acute{o} da a familia do trabalho, palrando animadamente, e os campos tristes murmuravam; \acute{a} luz da lua, segr \acute{e} dos lindos!...

Repousam t \acute{o} dos.

E' o s \acute{o} no acariciador e reparador dos corpos...

S \hat{a} o as almas que se convulsionam em estretores desesperados e depois caem, exaustas de f \acute{o} r \tilde{c} as, nos ber \tilde{c} os macios de plumas e p \acute{e} nas.

Quando uns olhos lindos nos fitam ha um enigm \acute{a} tico prazer, torturas que nos delicia, um desejo vivo de penetrar intimamente n \acute{e} sses recatos deliciosos onde repousam os sentimentos.

Sendo os olhos o espelho da alma, que irresistivel desejo nos surpreende, de apalpar com d \acute{e} dos de fumo e de s \acute{e} da as ondas apaixonadas e invisiveis que descem at \acute{e} n \acute{o} s, se agarram poderosamente, como a hera aos muros, no corac \tilde{a} o do homem...

Olhos aveludados, dum castanho escuro que nos lembra a noite c \acute{o} m a sua misteriosa poesia, eu voe adoro!

Doirados campos, polvilhados de sol, exalavam inebriantes perfumes de fresquid \tilde{a} o e de conforto.

Por entre eles, reparigas tisnadas de sol, e em cuja t \acute{e} s morena mas delicada, se notava a exuberancia da vida, a saude de ferro, e o desembara \tilde{c} o dos pardais, cortavam, cantando melancolicamente trovas tristes, a cana desnecess \acute{a} ria domilho, que era o suspiro dos pachorrentos bois que as ajudavam nas lides do amanho das terras.

Pelas videiras altas e sim \acute{e} tricas latadas pendiam os loiros cachos de uvas transparentes que pareciam feitos de sol e a \tilde{c} ucar...

Ternos gorgeios soltavam as aves empoleiradas e saltitando nos s \acute{e} cos ramos duma nogueira.

Vagueei errante, e em cada sombra e em cada pedra que convidasse ao repouso do c \acute{o} rpo e do espirito, eu parecia advinhar as formas correctas de Virgilio compondo a Eneida...

B \acute{o} ca de p \acute{u} rpura c \acute{o} r, cofre de mil prazeres, sanctuario divi-

nal onde se albergam beijos de sab \acute{o} r a rosas e mel...

Dentes... perolas de estranha bel \acute{e} za que brilham ao sol; pedacinhos de jaspe cuidadosamente polidos e que sorri \tilde{e} m docemente dentre ternos labios palpitantes...

L \acute{a} bios de carmim, pequeninos e transparentes que segregam nectar que nem Cezar bebeu...

Que lindos e delicados sois, e como vos invejo!

Por entre uma neblina t \acute{e} nde, rompia o sol enfraquecido, doente... Era c \acute{e} do, ainda cantava a cotovia.

Mirando os longos campos vi \tilde{c} osos, o pomar em que os fructos doirados pelo sol pendiam dos ramos s \acute{e} cos da velha m \acute{a} e, que tantos filhos abra \tilde{c} a e abriga nos seus bra \tilde{c} os, eu tive a impress \tilde{a} o de estar observando \acute{e} sse Eden maravilhoso de que ouvimos falar e que nunca chegamos a conhecer.

Por entre os campos de milho, nos carreiros estreitos e tortuosos, uma repariga fr \acute{e} sca, de bra \tilde{c} os nus, com os grandes peitos apertados, rachando, cantava tristes melodias em voz baixa, e o soc \acute{e} go po \acute{e} tico, que se espalhava em volta, imprimia \acute{a} natureza em fl \acute{o} r uma un \tilde{c} o religiosa, digna dos maiores liricos.

A fertilidade da terra, prodiga em beneficos, tem surpresas admir \acute{a} veis!

Numa densa e larga mata de grandes e velhos carvalhos, onde cantam melros e o mato agreste floresce por entre estreitos caminhos, que nos conduzem a enigm \acute{a} ticos labirintos e que florinhas tristes, mas lindinhas adornam e perfumam, marcham silenciosos, arrastando pesados s \acute{o} cos, em camisa, de enxada ao ombro, dois lavradores.

V \tilde{a} o ro \tilde{c} agar mato, dura tarefa, e silenciosos, tristes, olhos marejados de l \acute{a} grimas e preces nos l \acute{a} bios, trabalham, trabalham sempre...



ROL DOS MEUS BEIJOS...

(a Francisco Pereira Mendes)

Beije-te muita vez teu lindo rosto
E teus louros cabelos os beije;
Teu peito contra o meu o aconcheguei,
Em horas apraziveis e de gosto;

Beije a tua boca acarinada,
Pequena, com dentes a brilhar;
A cutis do teu seio a olegar,
E os teus olhos de luz santificada;

E tambem tuas m \acute{a} os, algo patricias,
Macias, delicadas em caricias,
—M \acute{a} os lentadoras como as de uma fada...

Mas quando sono as vezes que te beije
E abra \tilde{c} os apertados que te dei
A conta \acute{e} tal que d \acute{a} -me sempre errada!

Agosto de 1916.

Le \tilde{a} o Martins.



Das Ruas, Pra \tilde{c} as e Rocios da Villa de Guimaraens

Para tratar das ruas, que tem esta Villa dentro de seus muros, farey de sua Pra \tilde{c} a mayor hum tronco, donde nascem os ramos, de que todas procedem.

Sabe desta Pra \tilde{c} a para o Norte a rua de Santa Maria, de quem procede na mesma corrente a rua da Infesta, que tem o seu fim no districto da Villa velha, e a sua serventia pela porta da Garrida, a que hoje cham \tilde{a} o de Santo Antonio. Da rua de Infesta sabe para o Nascente a rua do Sabugal, que tem a sua serventia pela porta de Santa Cruz, que antigamente se chamava da Frieira.

Sabe tambem da Pra \tilde{c} a mayor a rua dos Acoutados, que lhe der \tilde{a} o este nome, porque seus moradores n \hat{a} o vem passar por ella outras pessoas: corre entre o Norte, e Poente, e acaba na rua dos Pasteleiros. Tem a Pra \tilde{c} a mayor por baixo dos arcos da casa da C \acute{a} mara, e Audiencias a serventia da Pra \tilde{c} a do peixe, que lhe fica entre o Norte, e Nascente: he Pra \tilde{c} a pequena, e no meio della est \acute{a} situada a Igreja de Santiago: he toda cercada de casas, e huma dellas, que fica contigua com a casa das Audiencias, he a que antigamente foy dos Contos. Todas as mais casas, de que est \acute{a} cercada, s \hat{a} o de estalagens, e tendas.

Desta Pra \tilde{c} a do Peixe sabe para a parte de entre o Norte, e Nascente a rua dos Pasteleiros, que tem a sua sabida para a rua de Santa Maria, e para a parte do Sul sabe a rua Escura, que tem a sua sabida na rua dos Mercadores: e para o Poente sabe outra rua, que cham \tilde{a} o do Espirito Santo, e antigamente da Judicaria, [por nella estarem fechados os que out \tilde{a} o lhe der \tilde{a} o o nome] a qual tem a sua serventia para o terreiro da Misericordia, e rua da cadeia.

Sabe da mesma Pra \tilde{c} a do peixe para a parte de entre o Norte, e Poente a rua dos Fornos, que lhe der \tilde{a} o este nome os que nella havia publicos. Na mesma corrente continua a rua do Gado, que perde o nome na rua do Pogo, que se vay encontrar no districto da Villa velha com a rua da Infesta, fazendo a mesma sabida pela porta de Santo Antonio.

Torno \acute{a} Pra \tilde{c} a mayor, donde sahirey para a parte de entre o Sul, e Poente pela rua dos Mercadores, at \acute{e} me encontrar com a rua Sapateira, deixando \acute{a} m \acute{a} o direita a rua Escura, e seguindo a rua Sapateira, sahirey pela porta de S. Domingos.

Na rua Sapateira est \acute{a} o terreiro da Misericordia, que se fez de casas, e quintaes, que seus moradores der \tilde{a} o de escola \acute{a} quella Santa Casa, e outras, que comprou a sua Irmandade: he todo cercado de casas nobres, e nelle da parte de entre o Norte, e Nascente desemboca \tilde{a} a rua do Espirito Santo, e a da Cadea; e pela parte de entre o Norte, e Poente principia a rua de Val de Donas, que tem a sua sabida pela porta de N. Senhora da Gra \tilde{c} a, e antes della se communica com

a rua do Gado. Tem esta rua huma travessa para a parte de entre o Norte, e Nascente povoada de casas, a que cham \tilde{a} o o terreiro de Mestre-escola, por onde se communica com a rua dos Fornos.

Torno a buscar o passeio da Pra \tilde{c} a mayor, para sahir della caminhando para o Sul pela rua do Postigo a buscar a porta da Senhora da Guia, muito conhecida pelo nome da porta do Campo da feira. Desta rua para a parte do Sul continua a rua nova do Muro, que se vay encontrar com a rua de Alcoba \tilde{c} as, e ambas fazem sua sabida pela porta da torre velha. No meyo desta rua nova para o Poente principia a rua de Don \tilde{a} s, que desemboca na rua dos Mercadores.

Desta mesma rua nova vay huma serventia para hum Rocio, que cham \tilde{a} o do Forno, por estar nelle a casa do forno publico, a que cham \tilde{a} o da Villa, em que s \hat{a} o obrigados os que vendem a cozer nelle, e n \hat{a} o em outros, que t \acute{e} nh \tilde{a} o em suas casas. He Rocio pequeno, mas todo povoado de casas com serventia para outro, que cham \tilde{a} o da tulha, s \acute{o} nde da parte do Norte desemboca tambem a rua dos Mercadores, quando se topa com a rua Sapateira. Communica-se este Rocio com a rua Sapateira por huma travessa, que cham \tilde{a} o de Anjo, e para a parte do Sul desemboca nelle a rua da Ferraria.

Ha dentro desta Villa outro terreiro, que cham \tilde{a} o de S \tilde{a} o Payo, s \acute{o} nde est \acute{a} situada a Igreja Parochial de seu nome com a porta principal para entre o Sul, e Poente, e outra porta travessa para o Sul; o sua Capella M \acute{o} r he toda azulejada, e por cima dourada, e pintada em paineis; divi \tilde{d} e-a do corpo da Igreja hum arco de pedra dourado, e encostado a elle da parte do Evangelho hum Altar de N. Senhor crucificado com N. Senhora, e o Evangelista sagrado ao p \acute{e} da Cruz: corre a fabrica delle por conta de seus Confrades; abaixo delle est \acute{a} huma Sacristia com porta para a Igreja, e abaixo desta porta est \acute{a} num Altar das Almas com sua Confraria muito rica, com dez missas quotidianas, e do 1. $^{\circ}$ dia de Novembro at \acute{e} o ultimo Missas geraes, e nelle hum Offi \tilde{c} io de canto de org \tilde{a} o com Miss \acute{a} solemne, e p \acute{r} ega \tilde{c} o. Quando esta Irmandade sane f \acute{o} ra, v \tilde{a} o seus Irm \acute{a} os com vestias brancas, e mur \tilde{c} as verdes debaixo de seu gu \tilde{a} o verde guarnecido de vermelho, e tem sua Sacristia bem fabricada no mesmo lado da parede abaixo do seu Altar, e abaixo della a pia baptismal. Da parte da Epistola encostado \acute{a} parede do arco da Capella m \acute{o} r est \acute{a} o Altar de N. Sennor \acute{a} da Misericordia com sua Confraria, e abaixo delle est \acute{a} a porta travessa, e no mesmo lado da parede o Altar de S. Bom Homem com sua Confraria, cujos Irm \acute{a} os, quando sanem f \acute{o} ra, v \tilde{a} o com vestias brancas debaixo do seu gu \tilde{a} o da mesma c \acute{o} r.

(Contin \tilde{a} .)

[Da *Corografia Portuguesa* do P. Antonio Carvalho da Costa, 2. $^{\circ}$ ed., tomo primeiro, cap. XIV, pag. 45 e seguintes].

Calend \acute{a} rio do agricult \acute{o} r

Setembro

Nos campos—Continuam os trabalhos do m \acute{e} s anterior. Prosegue a colheita do milho. Semeia-se o tr \acute{e} vo nos prados; preparam-se os terrenos para sementeira de plantas furruginosas. Principia a colheita de azeitona.

Nos pomares—Colheita da fructa, que deve s \acute{e} r arreadada ainda cuidadosamente. E' muito conveniente, para uso domestico, secar p \acute{e} ras, ameixas, etc.

Nas vinhas—Principia a faina das vindimas. E' um erro grave, todavia, vindimar uvas que n \hat{a} o estejam em estado perfeito de maturac \tilde{a} o. Marcam-se nas boas c \acute{e} pas das melhores castas as varas de que h \hat{a} o de sair os garfos para os enx \acute{e} rto.

Nas adegas—Devem as adegas estar j \grave{a} bem preparadas para a recep \tilde{c} o das uvas. O asseio dos lagares, das dorras e de todos os utensilios da adega \acute{e} uma das condi \tilde{c} o \tilde{e} s e garantias do fabrico.

Nas hortas—Boas regas. Continua a sementeira de raban \tilde{e} tes, cebolas, alfaces, repolhos, couves, chicoria de inverno, nabos de inverno e primavera. Seguem as plantac \tilde{a} o \tilde{e} s de chicorea, aipo, saladas, morangos. Come \tilde{c} a a amontoa para o branqueamento do aipo de talo e de cardos.



Para afastar das arvores as formigas

Tome-se fuligem de ferro e desfa \tilde{c} a-se num copo de oleo de linha \tilde{c} a, que fique muito branda, e estenda-se sobre os troncos das arvores ou plantas que desejem reservar.

E' tambem conveniente untar com esta composi \tilde{c} o os buracos das corti \tilde{c} as das abelhas para as formigas n \hat{a} o entrarem.

Contra o gorgulho

O melhor meio para destruir o gorgulho do milho e outros gr \acute{a} os \acute{e} o bisulfureto de carbono. Coloca-se-o em uma vasilha destampada, por cima dos gr \acute{a} os e cobre-se com lou \tilde{a} ou qualquer cobertura. Os gases desprendidos, mais pesados do que o ar, penetram por entre os gr \acute{a} os, matando os gorgulhos.

N \hat{a} o ha outro inconveniente na applica \tilde{c} o \tilde{e} o sen \tilde{a} o chegar junto ao deposito dos gr \acute{a} os com luz, pois os gases s \hat{a} o in \tilde{a} visiveis.

Garganta

Agora que come \tilde{c} a a epoca dos males da garganta, ou anginas simples, devidos aos resfriamentos, aconselha-se o gargarejo seguinte que d \acute{a} magnificos resultados:

Borax em p \acute{o} ... 5 grammas
Extracto thebaico... 75 "
Profus \tilde{a} o de salva... 160 "

Um banho quente aos p \acute{e} s \acute{e} um magnifico ajudante.

Aos fumadores

Eis alguns conselhos praticos que os hygienistas, fundados na experiencia propria, dam aos fumadores que n \hat{a} o queiram abandonar de todo o pernicioso habito.

Evitar os tabacos humidos, que per \tilde{m} item \acute{a} nicotina desenvolver-se com o vap \acute{o} r de agua sem se decomp \acute{o} r. N \hat{a} o fumar em jejum, nem antes das refei \tilde{c} o \tilde{e} s. Servir-se dum tubo de \acute{a} mbar, terra magneisiana, chifre ou cerejeira. Evaporando-se a nicotina a 250 graus, a parte que n \hat{a} o foi decomposta pelo fogo, \acute{e} atrahida para a extremidade buccal e ali se accumula; \acute{e} pois prudente rejeitar o ultimo quarto do cigarro. N \hat{a} o se servir sen \tilde{a} o de eschimbos de longo tubo e de reservatorio.

UMA TENDENCIA ANCESTRAL DA EMIGRAÇÃO

Não é realmente explicável o fenómeno estético-social da invulgaridade e do nosso pouco gosto pela beleza dramática do mar servindo de tema ás formas literárias. Lembrado o —*Naufragio e lastimoso successo da perdição de Manuel de Sousa de Sepulveda e D. Leonor de Sá, sua mulher e filhos*—, contadas as referências dos nossos vellos cronistas e uma ou outra rara tragedia marítima, além do quasi automatismo (porque mais forçado pela imitação e pelo equilibrio da rima) com que a nossa lira anémica e fraca decantou, em quebrados versos, «o perfume da brisa» e o «ignoto encanto das salsas aguas», não nos acode a inspiração do Atlantico e aparelhamos as figuras românticas no cenário teatral duma salêta franceza ou num carunchoso quarto andar da estafada Baixa alfaceira.

Terra de pescadores, de aventureiros e de emigrantes, povo excepcionalmente dotado pela tradição, a que os mares trouxeram a maior gloria, pela situação da terra toda batida pelas aguas, pela ancestralidade: girando em nossas veias o sangue ardente da pirataria, e mesmo pela força emigratória que hoje e cada vez mais estreitamente nos une a tantos irmãos dispersos, o nosso habitual contacto não desconhece um só dos mil dramas do oceano e nem a sua revolta satânica, o doloroso lamento das suas vagas, o sol escoando-se de sangue no leito violêta do horizonte, as fantasias ulu-

lantes do vento podem já comover o fundo artístico da nossa alma.

Foi o mar que embalou a nossa infância, educou e temperou a nossa virilidade. Mas a toalha rendada das ondas ensopou-se no nosso melhor sangue. A nossa carne rasgou-se em traçoêiras penedias, que dentre as coloridas e setinosas algas apontavam aguçados punhais.

Rompendo o nevoeiro misterioso do Cabo Tormentoso, rasgando mares nunca dantes navegados, aportaram os nossos galeões a novos mundos. A nossa bandeira foi a primeira dum nobre e heroico verbo de civilização que se abria ao sol desconhecido. Enterremos as mãos á farta em riquissimas minas de ouro e pedrarias. Voltavam as caravelas mais carregadas de pardões do que de navegadores. Quanta energia assim esplendorosamente confiamos ao mar!

Ele nos levou os mais garbados moços da fidalguia, aveilhacou habéis politicos, mediou a tempera dos melhores soldados, que sempre foram os nossos filhos do povo... Tão grande epopéa marítima gravaram-na os reis devassos e religiosos na rica arquitectura de templos e mosteiros. Mas o maior poema, em que latejava a alma da nossa raça vibrantemente, salvou-o Camões da insana fúria das aguas, que ele cantava como sendo a própria condição e orgulho da nossa patria, a mais linda, e tão vasta que em cada dia se alargavam pelo mundo os seus limites!

Fôra um aviso... O mar nos levou a riqueza, enguliu as descobertas, os impérios orientais e africanos... Uma a uma, como lentamente se desfaz a espuma—sorriso á flôr das ondas—, caíram as perolas da nossa magnificência (onde o nosso nome em terras do Levante?). adormeceu a herculea virilidade dos maritantes, o país sossobrava na opressora tirania da Companhia de Jesus, que é o único despotismo da nossa historia. Com os monarcas ao serviço de clérigos estrangeiros começa o aviltante esboroamento, a miséria, impotentes, lançados ás fogueiras e chapinhando na lama.

Durante um largo periodo, que mal parece terminado ainda, sofremos de inadaptação á nova especie de vida que outras circunstâncias nos impunham. Estavamos arruinados—*a mais pobre das pobresas*—. Mais: abafamos constrictos, os impetos da vaidade ferida na atroz decadência como se nos penitenciassemos de heresia. Esse amachucado resto dum passado denodo apenas estrebuchava em orgias da mais nefasta politicagem. Talhamos á larga dentro de casa como se ainda ao Tejo aportassem as galetas esbordando ouro. Cavavamos assim ineptamente mais fundo o abismo da degradação. A nossa defesa das invasões francezas e a teimosia nas lutas do constitucionalismo são como um desfôrço contra o nosso triste decaimento. Os generais estrangeiros não sabiam, ao admirar a inteligente disciplina e a desesperada bravura dos nossos soldados, que eram as nobres e antigas qualidades que re-

surgiam do lôdo com aquela tempestuosa violência com que no cérebro do suicida aflora o fatal desequilibrio da sua vida.

Normalmente, passadas as primeiras horas de atordoamento que as perdas do nosso extenso dominio nos causaram, só o mar abria para nós os braços acolhedores de ambição e da fadiga, do desejo e da fome. Era o destino: não aqui a expressão duma vaga entidade inconsciente, mas a resultante, scientificamente determinável, duma força ancestral tão radicada em nosso sangue como no meio geográfico a persistência da lingua portuguesa.

A emigração continúa as aventuras marítimas. Não embarca o soldado: os vapores carregam operários. Iam uns á conquista de terras, partem outros, nossos irmãos de hoje á conquista do pão. No fundo é o mesmo. O que variou não foi a tendência de nossa raça, foi a economia do mundo.

Apertado de encontro a uma nação estrangeira, a que não nos prendia sequer o fragil e simples laço da fraternidade humana (talvez porque suspeitásemos dos seus ocultos designios, e porque, mais tarde, nos arrepiavam costumes caracteristicamente diferentes dos nossos), apertado entre a Espanha e o mar, açoitado por um vendaval de misérias que as lutas internas contribuíam a tornar insuportáveis; o nosso povo escôa-se para o mar a que tantas recordações o atraem e que a experiência o ensinara a não temer. Ficaram os estrangeiros nesta boa terra, que a sombra dos conventos escurecia e onde o monotono cantochão substituiu a canti-

ga de amor, tão ligeira, tão espiritualmente alegre, tão popular e que nem o próprio genio da poesia imita. Só o mar nos tartava, o mar impassível, antigo companheiro de infancia...

Condições fisiológicas favoreciam já a nossa rápida aclimação a qualquer ponto do glôbo. A hereditariedade tornou-se maravilhosa e firme, o nosso velho instinto guerreiro deu-nos uma firme segurança no trabalho e no risco das provações, que logo nos garantem facilidades na luta penosa da concorrência. No fundo ethnico da raça movia-se, como rejuvenescido, o cavalheiresco amor das aventuras. Ao mar... Corremos ao mar, preferindo o naufrágio dramático na vertigem da luta e do desconhecido á estagnação reles com fadinhos lamechas e bordada na policia. Pois não sabem os senhores que o português, tão rotineiro em sua casa, analfabeto, deprimido, tócco, renasce, logo ao sair da barra, como homem forte, trabalhador incançavel e habilidoso, duma intelligencia delicada, conjugando-se com uma invencível sentimentalidade?

No muito que recentemente se tem escrito sobre emigração, problema que anda muito justamente apaixonando as autoridades da Política e do Journalism) como um dos mais sérios aspectos da nossa vida económica, não vejo apontadas estas causas históricas e naturais, que me parecem determinantes, da mais evidente importancia. Elas não implicam, no seu ar de fatalidade, que tôdas as medidas para reprimir ou desviar a corrente sejam inúteis, mas explicam

Folhetim

N.º 11

F. Petrucci de la Gattina

MEMÓRIAS DE JUDAS

(tradução expressamente feita; direitos reservados)

No dia seguinte, porém, logo de manhã cedo, desceu ao pretório, e depois de ter dado certas ordens em segredo aos comandantes das forças, recomeçou o interrogatório dos prisioneiros, e discutiu com os conselheiros a sentença, quando os seus emissários lhe vieram falar ao ouvido. Precaução aliás desnecessária, porque o que vinham anunciar-lhe facilmente se denunciava.

O dia de sabbath fôra lugubre. A prisão de vinte e dois chefes dos mais considerados e osados de tôdos os partidos tinha atingido a própria alma da nação. Os que haviam escapado, e nós outros comiários superiores, não poderamos tomar nenhuma resolução, ou porque o dia do Senhor nos paralisasse, ou porque temessemos a vigilância. Esperavamos ser presos dum momento para o outro. Á tarde, as portas fecharam-se contra o costumado por ocasião das festas grandes do Purim, de Paschal e dos Tabernáculos, e os soldados romanos substituíram os indígenas. A guarnição da cidadela Antonia ficara de prevenção tôda a noite. Tudo indicava afinal que Pilatus seguia a traça dos nossos projectos e espiava.

Atrevi-me comtudo a ir falar com alguns dos nossos chefes que moravam na cidade. Não encontrei nenhum. Com o sagan e Bar Abbas nada tinha que fazer. Justus veio procurar-me a casa de Maria, como era seu costume, mas tremia e nada adiantava. Esperei o dia com uma ansiedade febril para ir ver os de Galilea, de Perea e de Idunrea, que acampavam nas colinas que circumdam Jerusalem, em tendas e cobêrtos de folhagem. Madrugada ainda já estava a pé. Sai de minha casa no quarteirão de Ophel e aproximei-me da porta da Torre das Mulheres, que conduz ao bairro de Bezetha-Gareb, esperando que o guarda abrisse.

Pensara de noite na situação da conjura, depois que se descobrira e tinham sido presos vinte e dois chefes, e decidira que era preciso levar as coisas até ao fim, desse por onde desse. Sabia, desde o principio, que não avançaríamos uma polegada ao que se entendia como libertação nacional, nem tal me preocupava. O meu intuito era comprometer os do Templo, dar-lhes uma satisfação depois para os ligar comigo, irrita-los cada vez mais com Pilatus. O sagan, que não comprehendia nem pensava em coisa alguma, deixava-se levar, comtudo acreditasse que ele era a alma do movimento, que concebia e ordenava, que era o mestre, o

coração e o cérebro do povo judeu. Tomava por vezes esse papel, até comigo. Dada a rutura entre o palacio de Herodes e o Templo, as coisas caminhariam por seu pé. Que me importavam, pois, o insuccesso, as vitimas, o recuo dum dia, o adiamento dalguns meses, o sangue duns, o triunfo dos outros? Por isso me propunha ir levantar os povos de Samaria e Galilea, mais audazes, e espreitava que abrissem as portas. Ouvia do outro lado um barulho mais acentuado que de ordinario. Via na vertente das colinas um movimento mais rapido. Um zumbido longinquo, continuo, vindo de diferentes pontos da cidade e das cercanias, feria-me as orelhas. Bar Abbas viu-me e aproximou-se.

Trazia já um grau confortável de embriaguês.

—Judas, disse-me, sabes?

—Tudo.

—E, agora que os outros fôrão apanhados, que devemos fazer?

—Levar as coisas por diante. Páras tu no campo da batalha se um camarada cai ten lado?

—E' o que eu me dizis. E' então fiz bem.

—Que fizeste?

—Ora essa! aconselhei-os a que andassem prá frente como se nada tivesse acontecido.

—A's mil maravilhas. Agora temos de espicar os prognósticos e animar os medricas.

—Vou pelo lado do mercado e do Bosque faze-los andar como vellos legionários. Adeus, irei hoje jantar contigo, porque ontem, em honra do Senhor, não meti cá dentro nem migalhas.

As portas abriam-se. Uma multidão de povo precipitou-se na cidade. Ao mesmo tempo no cortiço de casas que se encostam ao Moriah e a Sião, desde o vale de Fromagers até lá cima, um formigueiro de homens acordava e animava-se. Vi descer por aquelas imundas ruas centenas de novos e velhos que se dirigiam para o largo do Pretório. Esta praça era um centro de acção. Fui lá. Antes pousei em casa do sagan. Esperava-me. Caiphás estava também, mais perturbado, mais confuso, mais receoso, mas indeciso que o próprio Hanan. Chamei-lhes a atenção e decedi os considerando que, não podendo recuar, era necessário dar livre curso aos acontecimentos que se ligam uns aos outros. O T. já saiu para ir pôr a sua gente em campo. Hanan recomendou-me que ex cutisse fielmente as suas instruções. Partindo, encontrei Justus quasi arrastado por uma multidão imensa, que o proclamava chefe. A palavra de revolta era a mesma sempre—abaixo os aqueductos! respeite-se a oferta.

Os Romanos temem uma predileção notória pela água e as fontes nas cidades: consideram nas ornamentais e benéficas á hygiene pública. Pilatus queria illustrar o seu governo em Jerusalem construindo fontes, de que a cidade muito carecia aliás. Comçara um aqueducto de vinte e cinco milhas para trazer a água de longe: um monumento de arte e utilidade pública que teria rivalisado e talvez eclipsado a Aqua Júlia.

Não querendo lançar novas taxas para esta obra, reclamara e obtivera, de bom ou mau grado, por intermédio de Caiphás, o impôsto de meio shekel, que o Judeu é obrigado a pagar tôdos os anos ao Templo, e o dôbro quando pagar no dia de sabbath. Este tributo sagrado chama-se a oferta.

porventura com mais previdente clareza que os inúmeros e as abstractas teorias económicas, o irresistível impulso que nos sangra do mais rútilo sangue de Portugal, de que ele tanto carecia na agricultura e na indústria.

Mais que em alguma outra parte, eu o descobri imperando fortemente aqui entre os pescadores. A uma velha poveira, a quem a emigração levou o marido, os filhos (que o marido apenas vira crianças) e os netos — descendentes do mais velho de seus filhos —, ouvi eu dizer, sem indignadas lamentações, que, se do Brazil não voltaram alguma, ela vira cair na morte, á entrada da barra, quando vinham da pesca, quatro netos — filhos do seu mais novo —, surpreendidos por uma súbita e horrível tempestade que nem Deus pudéra aplacar.

— «Morrer na barra ou lá para os Brazis é sempre morrer no mar...»

*Verão morrer com fome os filhos caros
Em tanto amor gerados e nascidos...*

Ao menos, para enganar a fome, que appareça sorridente a esperança de que alguém, partido do nosso lar, um dia voltará trazendo oiro, o oiro que conhece o segredo de anastasiar o próprio coração das mãis. Não é mais adormecida e quebrada uma longa incerteza, que um novo sobresalto em cada dia? Na verdade, o poveiro quasi todas as madrugadas pode emigrar... para a morte.

Ao fechar, na praia de banhos, esta ligeira carta, o mar espreguiça-se tranquilo, dum colorido vivo e puro. As ondas quebram, na minha frente, junto a um pequeno barco de

recreio que tem por nome Luís de Camões. A' sombra dum tolde, uma deliciosa morena está lendo. Adivinho a meiguice sonhadora do seu olhar. Como, nos seus lábios tão portugueses, deve ser linda, e mais expressiva que em lições de professor, é dolorosa a história do nosso Portugal...

POVOA DO VARZIM—agosto de 1912.

O ensino sob o ponto de vista Nacional

Já lá vão algumas dezenas de anos depois que, com o título que nos serve de epigrafe, se publicou em França um livro, assinado por um dos maiores filósofos do nosso tempo, Alfredo Fouillé.

Esse homem cuja obra culmina na história do pensamento contemporâneo, defendia, numa das nações mais ensinadas da Europa, o estudo e a revelação do espirito nacional, como missão educativa no ensino.

E', sem contradita, nessa corrente de ideias, das mais notáveis obras que se conhecem. E, porque os seus ensinamentos são úteis e applicaveis mais ou menos a todas as nações, era pouco depois traduzida e divulgada na Inglaterra, por Greenstreet.

De há muito que tal ideia se radicou em todas as grandes nações; na Italia, na Suíça, na Alemanha, no Japão, e — não esqueçamos — no Brazil.

Em Portugal, começou a tomar vulto ha pouco. Não

que só agora surgisse: já no seu tempo Garrett dizia: «Eu tenho que nenhuma educação pode ser boa, se não for eminentemente nacional.»

Mas foi uma voz perdida. Sufocou-se, abafada pela indiferença geral.

Passaram anos de septicismo pantanoso. Unicamente, aqui ou alem, de longe em longe, uma voz frouxa titubeava a palavra.

Cometeram-se até na organização do ensino alguns frios crimes de lesa-nacionalidade.

Mas eis que de súbito as vozes começam a dizer em coro a mesma verdade. Já, em Maio de 1909, João de Barros realisava em Viana do Castelo uma larga conferência, subindada ao título de *A nacionalização do ensino*; e em Junho de 1911 escrevia: «De-se ás gerações modernas, com a preparação moral que lhes é indispensavel, a consciencia da terra em que vivem, o sentimento do solo que pisam, do ambiente em que respiram, das tradições que representam...» A 15 de Janeiro de 1912, no teatro da República, em Lisboa, dizia Afonso Lopes Vieira: «Nenhum povo é já agora digno de viver se se não elevar no culto consciente da sua tradição nacional. Porque a tradição é o lar sagrado onde os povos tem de ir buscar agasalho e força com que partam depois mais fortes para o futuro. E' este o patriotismo que, no nosso tempo, influi e anima os povos mais educados e, portanto, mais dignos de viver.» E ainda a 18 de Maio de 1912, no teatro Sá da Bandeira, no Porto: «... e nunguem mais do que nós, portugueses, ne-

cessita de cobrar forças na consciencia da tradição nacional — se todavia quizermos entrar no concerto dos povos europeus, levando para aí alguma feição que nos torne interessantes aos seus olhos. Nós temos sido um povo que há vivido fóra da sua alma, quasi desterrado na sua terra, votando ao abandono as belezas da sua História, as belezas dos seus monumentos e as belezas das suas paisagens.»

Poucos dias depois, a 23 de Maio de 1912 no Ateneu Commercial do Porto, era Teixeira de Pascoais a proclamar: «As nações pequenas só podem opôr as tendencias absorventes das grandes nações, como defesa da sua independência, o caracter, a originalidade do seu espirito activo e criador, a autonomia moral. Ora a nossa Pátria possui, felizmente, essas qualidades que se ergueram, outrora, quasi sentinelas invenciveis, ao longo das nossas fronteiras, e se espalharam depois através dos vastos mares e das longas terras. O que é preciso antes de tudo, o que é urgentissimo, é ressuscitá-las, para que readquiram a perdida actividade... E' preciso que a escola, antes de tudo, crie portugueses autênticos.»

Nêsses mesmo anno Henrique Lopes de Mendonça defendia o mesmo pensamento numa conferência, que se intitulou a *Utilidade da Tradição*.

Em 1913, o professor Alfredo de Magalhães escrevia tambem: «A educação em Portugal tem de revestir um caracter acentuadamente nacional...»

Igualmente em 1914, na *Oração de sapientia*, com que abriu o anno lectivo

no liceu Pedro Nunes de Lisboa, o professor Agostinho de Campos solenemente proclamava: «... lembremo-nos todos que o liceu tem de ser eminentemente nacional...»

Mas basta de transcrições. Outros, e muitos, muitos temem pregado a mesma verdade.

Quanto a nós, dezenas de vezes o dissémos em aulas, em conferências e no Parlamento.

Mas estes homens, alguns dos quais são dos mais gloriosos escritores portugueses, contentaram-se apenas com estas boas palavras? De modo nenhum.

João de Barros proselitizava ardentemente em livros successivos: *A Nacionalização do ensino*, *A República e a Escola e Educação Republicana*, e procurava, como funcionário, leva-la a efeito; Afonso Lopes Vieira realisava-a em belos livros para as escolas, como o *Canto Infantil e Bartolomeu Marinheiro*; Teixeira de Pascoais escrevia igualmente com fins didácticos a *Arte de ser português*, que achamos uma formosa tentativa, embora discordemos de alguns dos seus pontos de vista; Henrique Lopes de Mendonça escrevia a *Historia de Portugal contada aos portugueses*, que é no género o melhor trabalho que conhecemos; tambem Alfredo de Magalhães escrevia os seus *Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus*; por nossa parte, escreviamos e compilávamos tambem com fins didácticos, o *Cancioneiro popular*, estudo e selecção das melhores cantigas do

Aproximei-me de Justus e disse-lhe heixinho:

— Sempre para a frente: nada se alterou.

Entretanto pela porta Dourada, que, pela ponte sobre o Cedron, conduz ás margens do Jordão e do mar Morto, pela porta Judiciária, que abre para o caminho de Gaza e do Egipto, pela porta de Ephraim que leva a Samaria, e pela de Benjamim onde desemboca a estrada de Anathot e de Bethlehem, grandes magotes de provinciais desaguarão na cidade, conduzidos pelos chefes que haviam escapado á armadilha de Pilatus na casa de Josaphath. Dirigiam-se todos para o forum de Jerusalem, a praça do Pretório, que fica diante do palácio de Herodes. Atravessando a praça do mercado, fui tambem para este lado. Vi então Bar Abbas, no meio duma multidão imensa, gritando:

— Danção da minha alma! agua?

Que necessidade temos nós de agua? serve apenas para a gente se afogar, para as pessoas porcos se lavarem e para esses fanaticos que não tocam os labios das suas mulheres sem logo se julgarem impuros!

— Sim, sim, não queremos aqueductos! exclamava o povo.

— Se ainda éis nos dessa fontes de vinho! compreendia-se. Vinho! Gostais vós de vinho, meus filhos?

— Viva o vinho! diziam os garotos, gloria ao vinho e áqueles que o teem!

— Bravo, rapazes, continuava Bar Abbas.

Vinho? Então ainda valia a pena construir aqueductos de vinte e cinco milhas para dar vinho ao povo de Deus que se entretete a fazer o dilúvio, o povo que durante quarenta annos bebeu agua no deserto com Moisés. Moisés tambem gostava de agua. Eis porque sua mulher o detestava. Está pois, decidido: não queremos agua! A chuva já nos inunda muito razoavelmente, lavado Deus, quando as nossas casas estão esburacadas.

— Não queremos agua! respondia a multidão.

— E respeitae a oferta, meus filhos. A moeda sagrada! Pelos cornos de Moisés! e que não de fazer os nossos pobres sacerdotes? Querem deixá-los emagrecer como gafanhotos? Queixam-se já de que o imposto de Deus é leve. Pensai no que farão se lho tirarem. Vão lançar-nos um sh-kel por cabeça.

— Respeito á oferta! gritava a plebe.

— Eu gosto dos sacerdotes gordos e chudos, prosseguiu Bar Abbas. Andam de bom humor e são humanos porque estão satisfeitos. Samuel era magro e perturbou Israel. Jeremias era magro, porque não digeriu, e tornou Jerusalem amivalle de lagrimas. Iam para a bôemia lagrimejando, comiam excelentes jantares chorando, abregavam a mulher gemendo: tinham desapparecido de viver.

Tomar a oferta? mas quem então reduzir os nossos amáveis sacerdotes a alimentarem-se de bosta como, como... disse-me o nome dequêlle profeta porco...

— Vivam os sacerdotes gordos, respeito ao obulo de Deus! gritava sempre a plebe.

— E depois, meus rapazes, são os Romanos que devem dar-nos de beber? Porque se não contentam em nos levar o que temos para comer, e querem ainda condenar-nos ao regime da agua que a vão beber a Roma. Nós somos descendentes daqueles que se deliciaram na

terra prometida com cachos de uvas, grandes como a torre Phasaelus. Não basta aos Romanos levarem nos tudo: querem fazer da praça lavada táboa raza.

Mas nós queremos ser porcos, nós! os nossos profetas eram porcos e falavam com Deus, todavia.

— Abaixo os aqueductos! gritava a plebe.

— Sim, minhas ovelhas, e vamos intender-nos directamente com o procurador. Que deixe em paz os sacerdotes. Quando éles andam contentes, tudo engorda: a começar pelas vossas mulheres. O nosso Deus já é bem pobre: cada um sonha-o conforme pode. Carece éle porventura dos Romanos para ver a cor do oiro? Faz milagres: se éle quiser agua, como no tempo de Moises, não precisa de a comprar.

— Não, não, não deve tocar-se no imposto de Jehovah!

— Pois bem, é o que nós vamos cusinar delicadamente ao procurador. Segui-me e nem palavra! Eu falarei por vós: venham comigo alguns da Galilea e da Samaria. Sei como se fala aos grandes. Falei com Tiberio, quando combatia sôb as suas ordens, bravo chefe que éle era! Os velhos á frente, os novos depois, e as mulheres e os garotos para casa ou para o Templo.

Em um abrir e fechar de olhos, a multidão imensa punha-se em ordem, e Justus e outros quatro commissários juntaram-se a Jesus Bar Abbas que se constituia em orador da queixa popular. Então, subindo para o Moriath, deixando o palacio dos Machabaus á esquerda, o Hipodromo á direita, costeando o Templo desde a porta occidental até ao palacio dos Archivos, atravessaram a grande praça e pararam á beira dos dezoito degraus que formam o escaudório do Pretório.

Pomponius Flaccus, que tinha sido prevenido, na vespera, do que devia acontecer no dia seguinte, não se espantou nem comoveu com os gritos do povo.

De resto, digerira ainda o jantar e o vinho da noite. Porque, embora Pilatus bebesses agua, tinha uma excelente adega. Claudia Procula, que ficara na ignorância do que se passava, acordou, ou antes foi acordada pelas escravas, alarmadas com o motim.

Pilatus mandou dizer a sua mulher que nada receasse, mas Claudia ainda envolta nas ligaduras, que, durante a noite, usavam as donzellas romanas para conservar mais fresca a pele, cobriu-se com uma espécie de pallium nacarado que a cobria da cabeça aos pés e veio ao terraço que cercava o palacio. Domiava a cidade.

Pilatus, ao aproximar-se a multidão, mandara os prisioneiros para a torre Phasaelus, temendo que os libertassem. Acabara de redigir a sentença de condenação, quando o chefe da guarda das portas do palacio entrou a annuciar-lhe que uma deputação do povo desejava falar-lhe. Pilatus hesitou um momento se devia recebe-la ou corre-la a pontapés. Por fim decidiu-se e mandou entrar.

Jesus Bar Abbas avançou, á frente cinco outros parlamentares, marchando na sala com um passo de rei. Os andrajos faziam sobresair a dignidade do seu porte. Propuzera-se apenas ser sublime.

(Continúa)

povo, obra já tentada, ainda que sob um plano muito diverso, por Alberto de Oliveira e Agostinho de Campos, nas *Mil Trovas*, organizamos também as *Cantigas do Povo para as escolas* e procurávamos dar orientação nacionalizadora á Universidade Popular do Porto.

Como se vê, de pontos diversos, vezes diversas, sem nenhum previo entendimento, vieram a dizer a mesma palavra e tentar a mesma obra.

Propositadamente só agora nos referiremos a um outro dos modernos educadores. a Antonio Sérgio. Fazemo-lo para o não confundir com aqueles que combatem a desnacionalização e defendem, segundo a sua frase, o *historismo*.

Antonio Sérgio não vê essa necessidade. Para ele, o caracter nacional em educação deve ser «racional e utilitário», «tomando em conta as condições portuguezas, as necessidades portuguezas, as nossas glórias, mas também os nossos erros, as nossas virtudes, mas também os nossos vícios—visto que são estes exactamente que se pretende remediar». E', como se vê, um dos aspectos posto a claro.

Pena é que Antonio Sérgio o defenda com tão estreito exclusivismo.

Todavia os seus livros—*O Problema da Cultura, Considerações historico-pedagogicas e Educação civica*— não se agitam questões do mais vivo interesse, como revelam, maiormente o último, um notavel tino pratico, digno duma mais larga comprehensão.

Até aqui temos falado do esforço isolado dos homens. E' muito. Mas há mais e melhor. Quando se procuram resolver problemas gerais de educação, que dizem respeito a um povo inteiro, não havemos de contar apenas com o esforço isolado de alguns homens. Nestes casos a realização dum plano depende da união de todas as competências—da continuidade do esforço.

(Continúa)

Jaime Cortezão

(Da Atlantida)

Na carteira

dum neurasténico

A maior parte dos homens, quando fitam uma senhora, já a estão insultando cruelmente.

Vi este homem—um largo carão de comico onde se espraia um ar de intelligencia mascarada de hipocrisia—á porta dum café, rebolando-se lascivo pelos mais opulentos quadris das fêmeas. Pouco depois encontré-o a uma mesa de batota jogando forte. Então perguntei quem era:

—Um padre notável, responderam.

Cada uma das três não tem mais de quinze anos. Passam na avenida, alegremente, ternas na carne, leves e brancas no vestuário. O bater dos pés, ritmado, anuncia força, o gentil menear do corpo traz entresonhadas paixões e na altivez do olhar-garço, azul negro—lê-se magestade. Marcham como dominadoras do mundo, falscando-lhes no cérebro a mesma idea consoladora e esperançosa—somos novas e lindas, rainhas do tempo, avassalando o espaço e o futuro.

E' toda a segurança da mocidade este ilusório confiar.

De longe parecia umá larga matrona grávida, a sala de lan azul batendo numas pernas grossas, levantada á frente, enfumada, ondulosa.

Abrigada por um enorme guarda-sol de doze varas, conversava tranquilamente uma encarquilhada velhinha. Quando nos aproximamos, apenas lá estava uma rapariga de não mais de treze anos, disforme de gordura, ingenua como o seu lenço de ramagens.

Toda a gente, menos as senhoras, diziam ao vê-la passar—que chic! que gosto!

Era já em si uma simpatia aperfeiçoada até á belésia, nos olhos velados, nos lábios vermelhos, na tês impecavelmente branca, nas unhas polidas, no delicioso aroma da pele, pelos aturados cuidados do toucador. Fomos um dia por acaso ao seu quarto de vestir—que horrôr e que porcaria!...

Vulgarização instrutiva

Remy de Gourmont

(7) A dissociação das ideas

Da anedocta que acabamos de contar se infere que as ideas que nos parecem as mais claras, as mais evidentes, as mais palpaveis, por assim dizer, não tem força todavia para se impor tais quais são, ouamente, aos espiritos comuns.

Para assimilar uma idea de exercício' um cérebro de hoje deve cerca-la de elementos que apenas tem uma arrelação conjuntiva ou de opinião com a idea principal. Sem duvida que não pode exigir-se dum humilde politico que faça do exercicio a idea simples que dele formava Napoleão: uma espada. As ideas muito simples só estão ao alcance dos espiritos muito complicados.

Parece que não seria absurdo considerar o exercicio como a força exteriorizada duma nação; e que se não pedissem consequentemente a esta força senão as proprias qualidades que á força se pedem. Talvez seja ainda demasiado simples?

Que bom momento o momento de hoje para estudar o mecanismo da associação da dissociação das ideas! Fala-se muitas vezes em ideas; escreve-se sobre a evolução das ideas. Nenhuma palavra é ainda tão indefinida nem mais vaga. Ha escriptores ingenuos que dissertam sobre a Idea, nem mais nem menos; ha sociedade cooperativas que, de repente, se metem a caminho da Idea; ha pessoas que se dedicam pela Idea, que sofrem pela Idea, que sonham com a Idea, que vivem com os olhos fixos na Idea.

Do que se trata nestas divagações é o que ninguém pôde saber nunca. Assim empregada isoladamente, a palavra é talvez uma deformação da palavra Ideal; mas porventura o qualificativo também se subintende? E' um desatropo errante da filosofia de Hegel que a marcha lenta da grande geleira social depôr, na passagem

em algumas cabeças, onde rola e soa como um calhau? Não se sabe. Empregada sob uma forma relativa, a palavra não é mais clara nas praxologias ordinarias, facilmente se esquece o sentido primitivo da palavra e que a idea não é senão uma imagem chegada ao estado abstracto, ao estado da noção; mas também que uma noção, para ter direito ao nome da idea, deve estar livre de todo o compromisso com o contingente. Uma noção no estado de idea tornou-se incontestavel; é uma número, é um sinal; é uma das letras do alfabeto do pensamento. Não ha ideas verdadeiras e ideas falsas. A idea é necessariamente verdadeira, uma idea discutivel é uma idea amalgamada com noções concretas, isto é uma verdade. O trabalho da dissociação tende precisamente a desprender a verdade de toda a sua parte frágil para obter a idea pura, uma e por consequencia inatacável. Mas, se apenas empregassemos as palavras no seu sentido unico e absolute, as ligações seriam dificeis no discurso, carecem dum pouco do vago e da flexibilidade de que o uso as dotou, e, especialmente, que se não insista muito no abismo que separa o abstracto do concreto. Ha um estado intermediario entre o gelo e a agua fluida é quando a agua começa a dividir-se em agulhas, quando estala ainda cede á mão que nela se mergulha: porque as palavras mesmo dum manual filosófico não de abdicar de toda a pretensão á ambiguidade?

Pensamentos

Um homem pultrão nunca poderá por muito tempo agradar ás mulheres.

M.^o do Barry

Uma mulher feia que quer impacientemente agradar, é como um pobre que ordena que lhe deem esmola.

Chamfort

A mulher parece-se com a mula pela teimosia; com a gata pela preguiça; com a galinha pela lalácia; com o pavão pela vaidade; com o macaco pela manha; quanto á maldade e á má lingua só se pode parecer consigo mesma.

Bouvier

Por muito bem que a mulher fale, é sempre mais apreciada quando está calada.

Augusto Compto

A lingua das mulheres é uma espada que elas nunca deixam enferrujar

Duas coisas mais difficultosas do mundo são; entender as mulheres e aturar os creados.

A mulher é uma santa na igreja, um anjo na rua, um diabo em casa, um bicho á janela, uma cotovia á porta e uma cabra no jardim.

Lordier

A furia do diabo não é tão má como a da mulher, porque

o diabo está só e a mulher tem a ajuda do espirito maligno.

Tertuliano

As mulheres bonitas são astes com espinhos, que nos atraem pelas suas flores. Quanto mais as colhemos, mais nos picamos.

Doucours

A mulher é um defeito bonito da natureza.

Milton

Rir e chorar sem saber porquê, é o privilegio das mulheres.

Katsebuc

O que, falando das mulheres diz: «Já as conheço» — é um parvo que sempre é burlado por uma tola.

Lacretelle

Quando as mulheres não podem vingar-se, fazem como as crianças: choram.

Cardon.

A mulher, que tem a virtude do coração, deve evitar o ciume do homem, ainda quando ele não tenha razão de ser:

De Mirannod.

Para que uma mulher se diga perfeita deve ter:

Trez cousas brancas—pele, dentes, mãos.
» » negras—olhos, supercilios, pestanas.
» » rosados—lábios, faces, unhas.
» » compridas—corpo, cabellos, mãos.
» » curtas—dentes, orelhas, pés.
» » largas—pelto, fronte, espaço entre as sobrançelas.
» » delgadas—dedos, cabelos, labios.
» » pequenas—testa, queixo, nariz.
» » estreitas—boca, cinta, parte inferior das pernas.

Como as mulheres amam:

As alemãs por sensualidade.
As americanas por calculo.
As austriacas por virtude.
As creoulas por instinto.
As francezas por curiosidade.
As hespanholas por prazer.
As inglezas por hygiene.
As italianas por temperamento.
As orientais por hábito.
As russas por corrupção.
As portuguezas... elas que o digam.

Amante: pimenta na comida domestica.

Definição da mulher

(versão arabe)

E' a mulher confusão, é batalha perduravel, é cauda de escorpião, é naufragio do verão, é um sepulcro dourado, E' um continuo cuidado,

é uma cruz endiabrada, é a carga mais pesada, é origem do pecado. E' uma sorte enganosa, é uma desdita certa, é do inferno porta aberta; é serpente venenosa, é pleja mui penosa, é uma calamidade, é o germen da maldade. E' um adornado engano, é um lamentavel dano; é mortal enfermidade; é da paz perturbação, da falsidade cimento, é da gloria impedimento. Da bolsa o maior ladrão, do dinheiro inquisição; da soberba o ideal, é dos vicios mineral, da leviandade abrigo, do homem peor perigo, é principio e fim do mal. Apesar d'isto não podemos passar sem elas.

Como a providencia é prodiga! Deu a cada um o seu brinquedo.

A boneca para a criança; a criança para o homem; o homem para a mulher; e a mulher para o demónio.

Vitor Hugo.

O amor dum velho parece-se com essas pobres florinhas isoladas, que vegetam tristemente nas fendas dum monumento em ruinas: ninguem faz caso delas, como ninguem faz caso dum amor senil.

Sogra: ditadura doméstica.

Sono: espaço de tempo em que a sogra cede o lugar as pulgas.

Castidade: espartilho dos desejos.

Algodão: chumbo com que a mulher caça o homem.

Regimento de infantaria de Reserva n.º 20

Snr. director

Rogo a V. que por todos os meios ao seu alcance, dê a maior publicidade ás seguintes determinações emanadas da Secretaria da Guerra:

Pelo n.º 3.º do Artigo 1.º da lei de 17 de Abril de 1916 foi concedida a anistia aos refrectarios antes do estado de guerra, ficando obrigados á prestação normal do serviço do exercito militar.

Por despacho de S. Ex.ª o Sub-Secretario d'Estado do Ministerio da Guerra de 5 do corrente, foi prorogado até 31 de Dezembro proximo o prazo para a apresentação dos individuos abraugidos pelo citado n.º 3.º, ficando, porem sujeitos ás penalidades da lei os não efectuares a sua apresentação dentro deste prazo.

Quartel em Guimarães, 2 de Setembro de 1916.

O Comandante,

Joaquim de Sá e Melo.



NOTICIÓSA

Cooperativa

Em casa do sr. Guilhermino Augusto Barreira, reuniu a comissão fundadora da cooperativa de generos de consumo, a que no numero anterior do nosso jornal nos referimos.

Assistiram os snrs. Alvaro Costa Guimarães, João Rodrigues Loureiro, João de Faria e Sousa Abreu, José Gonçalves, José Jacinto, Gaspar Ribeiro da Silva Castro, Carlos Alberto Machado e Joaquim Penafort Lisboa.

Os snrs. Guilhermino Barreira e Joaquim Penafort, a quem cabe a louvavel iniciativa do vantajoso empreendimento, apresentaram a relação nominal dos individuos que farão parte da sociedade.

Foram presentes exemplares de estatutos de outras cooperativas do país, resolvendo-se que a cooperativa que aqui vai fundar-se tenha a denominação de «A Económica Vimaranesa», sendo encarregado da elaboração dos estatutos, o sr. João Abreu, tesoureiro da Câmara Municipal, com a coadjuvação nesse trabalho, dos snrs. José Jacinto e José Gonçalves.

Conta-se que dentro de oito dias, os novos estatutos serão apresentados á Assembleia Geral, para discussão e que a nova cooperativa abra nos primeiros dias do mês de Outubro próximo futuro.

Quem quizer fazer parte desta sociedade, da qual, incontestavelmente vão colher-se sensíveis proveitos, perante tão pertinaz carestia da vida, dirija-se aos seus iniciadores, snrs. Guilhermino Augusto Barreira e Joaquim Penafort Lisboa.

Vão ser submetidos á apreciação da assembleia geral, os estatutos de «A Económica Vimaranesa», cooperativa de generos de consumo que em principio do mês de outubro próximo vai abrir-se na conhecida casa do Terrinha, no Passeio da Independência.

Ha grande numero de acionistas e a empreza vai por diante, mercê dos esforços dos seus iniciadores que á causa se tem dedicado com verdadeiro interesse.

Falecimentos

Faleceu, ainda na primavera da vida, com 21 anos de idade, e vítima da tuberculose, o sr. João de Freitas Santos, filho do nosso amigo, sr. José Antonio dos Santos, estimado proprietário e industrial, desta cidade.

O desventurado mdoz contava muitas simpatias e amizades, sendo a sua morte bastante sentida.

O funeral realhou-se com assistência de grande numero de pessoas das relações da familia do morto, direcção e sócios do Centro Republicano de Guimarães, classe dos barbeiros, e muitos militares.

O cadaver foi transportado de casa ao cemitério da Atougua, na careta da Câmara Municipal, puxada a duas parelhas.

Ao sr. José Antonio dos Santos e mais familia em luto, as nossas condolencias.

No Hotel Avenida, faleceu repentinamente, vítima duma congestão pulmonar o sr. Josias Joaquim de Bastos, chefe interino da Estação Telegrapho-Postal, desta cidade, que ha dias se encontrava fazendo serviço nesta repartição em substituição do seu collega, que está de licença por motivo de doença.

Instrucção

Precedendo concurso, foi collocada na Escola Central Masculina, desta cidade, a professora da freguesia suburbana de Azarem, sr.^a D. Laura de Sousa Machado, esposa do nosso amigo, sr. Henrique de Matos, habil professor official.

A sr.^a D. Laura de Sousa Machado, apresentou este ano, pela escola que vai deixar, 14 alunos a exame de instrucção primaria 1.^o e 2.^o grau, obtendo 9 distincções e 5 aprovações, o que merece lisongeiras referencias.

Arrolamento do centeio

Expirou no dia 30 de Agosto o prazo para apresentação das declarações que, conforme o preceituado no art.^o 1.^o do decreto n.^o 2434, de 30 de Junho último, todos os produtores, possuidores e detentores, são obrigados a prestar.

Os que faltaram ao cumprimento deste preceito, estão incursos nas penalidades prescritas no artigo 60 do mesmo decreto.

Agora vai proceder-se ao arrolamento do milho, para o que ha ainda um prazo relativamente largo.

Não se tratando do agravamento de contribuições, como tolamente ainda alguém imagina, antes pelo contrario se cuida do interesse de todos, é mister que todos cumpram.

Para a Assisténcia Escolar

A Comissão Executiva da Câmara Municipal entregou a administração e cultivo dos quintais do edificio das Escolas Centrais á Comissão de Assisténcia Escolar, para que o seu produto reverta em beneficio da Cantina Escolar Vimaranesa.

E' louvavel a resolução da Comissão Executiva da Câmara.

Escola de Sargentos

Terminou a escola de sargentos no regimento de infantaria 20. Havia principiado em 9 do corrente mês com 27 alunos, cabos e soldados, sendo instrutores, os officiais do mesmo regimento, srs. capitão Tomaz de Ataíde Almeida Caiola e alferes Augusto Cezar de Moraes.

Escola Industrial

Desde o dia 15 a 30 do corrente mês, está aberta a matricula na

Escola Industrial «Francisco de Holanda» para o ano lectivo de 1916 a 1917.

As disciplinas professadas, são:

- I Desenho geral elementar.
- II Desenho ornamental e modelação.
- III Lingua portuguesa.
- IV Aritmética e geometria.
- VII Principios de fisica e quimica.
- VIII Fisica e mecanica industrial.
- IX Quimica industrial.

Os interessados devem dirigir-se á secretaria da escola, em qualquer dos dias do referido prazo, das 10 ás 14 ou das 19 ás 21, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos de que precisem.

As aulas abrem no dia 6 do mês de outubro proximo.

Para as orfãs

Nos meses de Julho e Agosto findos, receberam-se no Asilo de Santa Estefania os seguintes donativos:

De João Fernandes de Melo, 2000; do dr. Henrique Margari-de, 500; de D. Isabel Vaz Napolés, 400; de José Marques Coelho e esposa, 500; de D. Maria Sarmiento, 500; de um anonimo, 1000; outro, 1000; da Ordem 3.^a do Carmo (pela verba de beneficencia) 600; de D. Adelaide Meira, um cesto de pêsas; de Antonio de Freitas Ribeiro, idem; Anonimo, idem; de D. Laurinda da Costa e marido, idem.

Festas e Romarias

Ha amanhã solenidades religiosas e arraiais, nas freguezias de Gondomar e S. Cristóvão de Se-lho.

Na Penha, ha tambem solenidade religiosa, procissão e arralal, tocando hoje no coreto do jardim publico, a banda dos Guises.

Pelas associações

Em reunião da Federação das Associações Operarias, efectuada em 27 de agosto findo, foi resolvido que todas as associações federadas cortem as suas relações com a Associação dos Cortidores, por esta ter rompido com a Federação sem motivo justificado.

Os operarios penteleiros, na reunião efectuada na sede da Federação, discutiram e aprovaram os estatutos porque ha-de reger-se a sua associação de classe.

Carteira

Está gravemente enfermo, o sr. José Menezes de Amorim, negociante.

Comecaram 4.^a feira as reinspecções dos individuos com mais de 20 e menos de 45 anos.

Com sua esposa e filhinhos, está na Povia de Varzim, o nosso presado amigo e inteligente redactor deste jornal, sr. dr. Eduardo Almeida.

Pelo sr. dr. Alfredo de Matos Chaves foi pedida em casamento para seu filho, o sr. dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, a sr.^a D. Maria da Conceição Flores, filha dilecta do sr. general Antonio Emilio de Quadros Flores.

Abandonou as lides da imprensa o sr. Antonio de Carvalho Cirne, redactor do «Ecos de Guimarães».

Tem sentido algumas meliores, com o que folgamos, o nosso amigo, sr. Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas, escrivão de direito.

Está em Vila do Conde, onde conta passar a época balnear, o sr. Conde de Margari-de.

Com sua esposa, seguiu para Lamego, terra da sua naturalidade, o sr. Júlio Antonio Cardoso, vereador municipal.

Tem aparecido á venda, nos ultimos mercados, grande quantidade de milho, todavia este cereal mantém o elevado preço de 1440, os 20 litros.

Na Misericordia

Doentes existentes no dia 31 de Julho 49 homens, 93 mulheres, total 142. Entrados durante o mes 93 homens, 105 mulheres, total 199.

Saidos curados: 44 homens, 52 mulheres, total 96.

Saidos melhorados: 31 homens, 45 mulheres, total 76.

Saidos no mesmo estado: 6 homens 8 mulheres, total 14.

Falecidos: 5 homens, 7 mulheres, total, 12.

Existentes no fim do mes: 56 homens 87 mulheres, total 143.

Consultas no banco: 177 homens, 209 mulheres, total 386.

Curativos: 319 homens: 278 mulheres, total 592.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis; total 419.

«Governanta»

Preciza-se de uma se-nhora para tomar conta do governo de uma casa de pequena familia e que de boas referencias da sua conduta ou pessoa abonatoria.

Para informações á Rua da Republica n.^o 74

LIÇÕES DE GUITARRA

POR

JOSÉ AFONSO

Escola Industrial Francisco D'hollanda EDITAL

Pela direcção d'esta escola se faz publico para conhecimento dos interessados que, desde o dia 15 a 30 do corrente mez, se acha aberta a matricula para os alunos que pretendem frequentar esta escola no ano lectivo de 1916 a 1917.

As disciplinas professadas são:

- I Desenho geral elementar.
- II Desenho ornamental e modelação
- III Lingua portuguesa.
- IV Aritmética e geometria
- VII Principios de physica e chimica
- VIII Physica e mecanica industrial
- IX Chimica industrial

Os pretendentes devem dirigir-se á secretaria d'esta escola, todos os dias sem excepção, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde ou desde as 7 ás 9 da noite, e ali lhes serão prestadas todas as informações de que precisarem.

As aulas abrir-se-hão em 6 de outubro proximo.

Guimarães, Escola Industrial Francisco d'Hollanda, 8 de setembro de 1916.

O Director da Escola,

Abel de Vasconcellos Cardoso.

ARRENDAMENTO

(2.^a publicação)

A Comissão Concelhia d'Administração dos Bens Ecclesiasticos em Guimarães;

Faz saber que no dia 1 de outubro proximo, ás 12 horas, na administração d'este concelho, são arrendados em hasta publica, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passaes e residencias das freguezias seguintes.

Caldas (S. João)	56000
Caldas (S. Miguel)	60000
Fermentosa	10000
Mesão Frio	50000
Vizela (S. Faustino)	80000

Guimarães, 24 d'Agosto de 1916.

O Presidente da Comissão

Abel Vasconcellos Cardoso

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termas, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sódicas e cálcicas) cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioactivas

AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e genito-urinario; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTHERAPIA
CLINICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

EPOCA TERMAL -- 1 de Maio a 30 de Outubro

FARMÁCIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques 17 e 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna theraputica.

Ao Ex.^{mo} corpo clínico
AOS SEUS AMIGOS

Ao público em geral

Participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.^ª

"PROSPERIDADE,"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sede no PORTO:

RUA DE TRAZ, N.º 7-2.

Agente em GUIMARÃES:

António José Peixoto da Costa

Rua da Republica, n.º 144

AOS FUMADORES CIGARROS DO PARÁ

Finissimos d'aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos proprios desta cultura.

A venda nas principais casas e na sede da agencia—Merceria traz de S. Paulo Rua Dr. Avelino Germano 45—Guimarães

DESCONTO AOS REVENDEDORES

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.

Completo sortido em molduras para quadros.

Papel para forrar casas.

Azulejos e mosaicos.

Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Drogaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.^ª

78, R. da Republica—Guimarães

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranesense

(Publica-se aos sábados)

Do Cidadão

Revista de Guimarães

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

Com direcção e administração autônomas

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.

» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretário e professor do Liceu

» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária

Montou-se uma aula modelo com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária

Curso dos liceus—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio.
Curso de 6.^a e 7.^a classes—habilitação por distintos professores.
Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional

Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do pais. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, tecnico, pratico. Internos e externos. Admite-se a matricula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artistica

Atelier-escola—expressamente construido.
Cursos de desenho e pintura—professor o distinto artista Abel Gardoso, pintor, professor da Escola Industrial.
Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral

Inspecção médica permanente—Médico—Dr. João d'Almeida—professor do Liceu.
Quartos especiais para doentes.
Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos.
Balneário—duchas, banhos em unas de marmore.
Educação moral e civil—palestras e conferencias pelo director pedagógico.
Gymnasio academico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais.
Grupo de escoteiros.—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiariam qualquer confronto. Tratamento abundante, generoso de primeira ordem, e escrupulosamente limpo.
Direcção pedagogica moderna.
Completa liberdade religiosa, atendendo-se a respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães.

DOMINGOS VINHAGREIRO & F.^{os}



GENEROS DE MERCEARIA

CONFETARIA

SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirées

ESPECIAL: CAFE Á GHAVENA

DA

BRAZILEIRA

CONFETARIA PARISIENSE